

O ESPECTRO

NUMERO 54 — II ANNO 1889

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 320

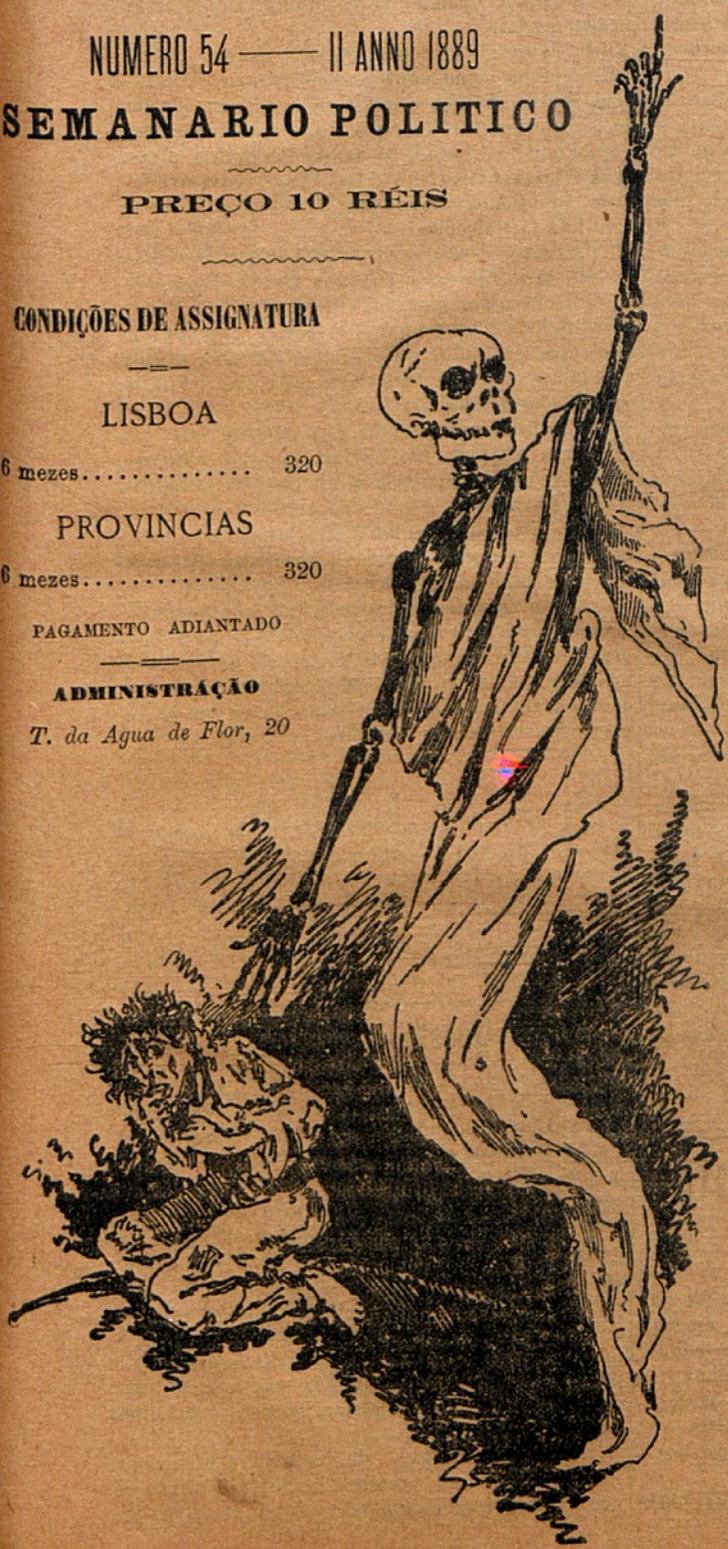
PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20



A SITUAÇÃO

Não folgamos com a guerra sem treguas que declarámos ao ministerio, — compunge nos até a nossa missão — mas a causa do governo, do mais desprezível obscurantismo, não pôde encontrar adeptos entre os que têm a peito a defeza da honra, do brio e da dignidade.

Lançando um golpe de vista retrospectivo sobre toda a gerencia progressista, não vemos mais do que a representação de uma farça repugnante, em que se tem desenvolvido um absolutismo selvagem, e comprometido o futuro da patria. Esta inexplicavel situação, mantida á custa do decoro, vae-se tornando cada vez mais critica, á medida que o governo, desnorteado pela inconsciencia, corrupto pela ambição, prolonga o periodo da sua gerencia.

O governo, esmagado sob o peso das suas faltas, foge cobardemente ás responsabilidades, não encarando de frente as questões em que é o proprio comprometido. Sacode-se para emporcalhar, mas enxurda-se ainda mais sem conseguir salpicar os visinhos.

Terça-feira lá o tivemos, o poltrão, no banco dos réus a ouvir as justas queixas e recriminações do povo, dirigidas por um dos mais conspícuos ornamentos da camara popular.

A sympathia da causa, o nome do vulto que a defendia, deram á sessão uma imponencia difficil de descrever. A palavra fluente de Pinheiro Chagas, arrebatou o auditorio e penetrou funda na consciencia publica com a exposição do sudario ministerial.

Pois quem não ha de arrebatarse sob a eloquencia de um homem que prova á sociedade o estado decadente a que o governo tem conduzido o paiz?

O povo clama com razão, e applaude com phrenesi quem verbera um governo que arruinou a agricultura, paralysoo o commercio, matou a industria, e enriqueceu os seus amigos.

Um governo merece porventura esse nome quando a causa publica é sacrificada aos interesses pessoases?

O desvairamento ministerial, descendo a nada respeitar, auctorisa as pragas do povo, sanciona o desrespeito das classes, e sujeita-se a ouvir duras e amargas verdades, — d'aquellas que nenhum brio consentiria.

O governo pretende responder declamando, mas esquece-se do raciocinio; pretende defender-se insultando, e não vê que mais melindrosa ainda se torna a sua tão triste existencia.

O sr. José Luciano, o Judas da situação, ambicionou um dia o poder e fez varias promessas para o conseguir. Realisou o seu desejo. Foi elevado ao mais proeminente logar, sem merecimen-

tos que o recommendassem, e, apenas viu a realisação do seu sonho, tratou de violar todas as suas promessas, despenhar-se n'um mar de aventuras, ensaiar insensatas tentativas, desorganisar o que trabalhadores de merito haviam architectado á custa de milhares de sacrificios e contrariedades.

De tão flagrante incapacidade governativa nasceu a lucta com a opposição. Gigantesca tem sido, na verdade, essa lucta, porque o espirito ainda não conseguiu dominar e vencer a materia bruta, —mas hade conseguil-o,—e quanto mais prolongada ella fór tanto maior será o triumpho.

A nação inteira hade secundar os patriotas defensores dos interesses do povo, e hade mostrar que ess e enfatuado ministerio não passa de um corrupto aventureiro que terá de fugir precipitadamente perante a colera popular no dia do final ajuste de contas.

Então, o sr. José Luciano verá que esse cordeiro, que agora lhe parece subjugado, se transformará em tigre feroz que despedaçará nas suas cruentas garras a corrupta e corruptora horda que assaltou as cadeiras do poder, porque no coração do povo está arreigada a convicção da ruindade dos sicarios progressistas.

Progressistas? Nunca! Encobrem-se com esse pomposo titulo, que já foi gloria de um partido, quando não passam de um bando de aventureiros que commettem todas as vilanias á sombra da bandeira da tolerancia.

Progressistas!... Em quê? Se os processos obscuros da sua gerencia, se os contractos ruinosos para o paiz, se a perversão moral a que desceram lhe justificam o titulo, guardem-n'o no transe mortal em que se encontram e que elle lhes minore a agonia—Tão pomposo distico desprezamo-lo em vós, por não corresponder á sublimidade da sua significação.

Appellidae-vos Cesar, se quizerdes, que não passareis de um triste João Fernandes.

Sêde o que vos aprouver, pouco nos importa. A lucta está travada e vae rija a peleja: prosequiremos n'ella com toda a sinceridade da nossa alma, com todo o ardor da nossa fé. Unamo-nos, pois, homens de coração, unamo-nos todos, não hesitemos em esmagar a prepotencia que nos subjuga, a tyrannia que nos opprime; porque assim conseguiremos salvar a honra da patria e defender os sacrosantos principios da liberdade, que nossos paes conquistaram á custa de muito sangue derramado.

Avante, pois!

Echos do parlamento

UMA FACADA PARLAMENTAR

Antigamente quando se ouvia fallar de facadas todos voltavam a cara horrorisados pela enormidade de um crime praticado por um reles fadista, com a sua traçoieira companheira (a navalha).

O fadista é o homem que tem descido es ultimos degraus da escala social, é o **biltre** que desconhece completamente as palavras: honra, dignidade, austeridade de character, etc., etc.

Em resumo, o fadista é o genuino **patife**

que vive de rendimentos desconhecidos, que tem inveja de todos os homens de bem, e que dá a sua facada para saciar os seus instinctos ferozes.

Julgámos sempre que a classe dos fadistas se resumia apenas aos refilões da rua Suja e da Mouraria, mas infelizmente enganámos-nos, pois que, devido a um reviramento social os fadistas têm no parlamento um companheiro emerito, que dá facadas parlamentares com a mesma destreza com que os seus companheiros da Mouraria dão uma picada mortal.

O desvergonhamento social, chegou a tal ponto que os mandões progressistas quando pretendem inutilisar uma censura feita por um homem de bem, como por exemplo a que ante-hontem fez o sr. Pinheiro Chagas, na **mariolada dos 441 contos de réis**, encarregam um fadista, queremos dizer, um deputado, de lhe dar uma facada traçoieira.

Fizemos já a discripção minuciosa do refilão da Mouraria, e vamos passar a fazer a discripção do fadista parlamentar.

O fadista parlamentar, é o homem ingrato que desdenha de tudo, que diz mal de tudo, menos d'aquelles que o levam de trem, e lhe alcançam commissões rendosas.

O fadista parlamentar é o homem que diz na sessão, mal de um ex-ministro e que á noite vae ceiar com elle n'uma casa muito conhecida na rua Nova do Almada.

O fadista parlamentar é simplesmente o deputado a quem o actual governo encarrega de esfaquear os deputados honestos da opposição.

Sabem os nossos leitores o que hontem se dizia nas duas casas do parlamento? Dizia-se que era necessario que todos os pares e deputados honestos voltassem a cara aos deputados que descem a fazer insinuações indignas sobre as administrações transactas dos ministros serios.

*
*
*

Na sessão de terça feira, antes da ordem do dia, o sr. deputado Fuschini, chamou a attenção do governo, sobre a concessão do caminho de ferro de Lourenço Marques á fronteira do Transvaal.

Esta concessão tinha sido feita pelo sr. Pinheiro Chagas.

Questão dos vinhos

Ouve-se ao longe um murmurar confuso, partido dos lados do norte, que parece ser das vozes dos opprimidos reclamando a justiça que abertamente se lhes nega. E' o murmurio da multidão, agitada contra a auctoritaria prepotencia do governo, que ameaça com a colera das suas iras vingar-se do despreso a que votaram o povo sacrificando-lhe os seus mais legitimos interesses.

Aproxima-se a hora do despertar terrivel, que lançará o paiz nas mais tristes aventuras.

A vingança será atroz, irá além da espectraliva publica, alluirá talvez fundo, mas nem por isso deixará de ser nobre—porque nobre é a lucta pela existencia.

A responsabilidade do desastre pertence por inteiro ao governo, porque não trepidou nunca em promover o descontentamento das classes, em pro-

vocar questões irritantes e ruinosas para o paiz, não obstante a reluctancia com que este as recebia.

O governo que tem recuado sempre vergonhosamente, perdendo todo o prestigio alcançado, teima em ficar, ficar sempre, perpetuar-se no poder, sem olhar para as desgraçadas consequencias que essa teimosia possa trazer.

Onde está o patriotismo d'esses homens que tão imprudentemente afundam as instituições que defendemos?

De miseráveis que foram na adversidade, transformaram-se em petulantes reles que abdicaram de todo as noções do dever, deixando-se fascinar pelos europeis com que se adornam.

Mas o principio de reacção manifesta-se já em evidencia, e o governo hade cair sob a execração publica, sob o peso dos seus erros e castigo dos seus crimes.

A bandeira progressista, suja em negociatas escuras parece ter sido transformada em bandeira protectora de quantos rapinantes a cercam, para satisfazerem o seu egoismo censuravel e realizarem as suas desmedidas ambições.

Foi assim que, á sombra d'essa bandeira, o governo fez á porta fechada contractos particulares com dois syndicatos de vinhos, tão ruinosos para o paiz quanto pesados para o thesouro.

E tão boas são essas negociatas que os povos as não acceitam e protestam solemnemente, perante os poderes constituidos, contra a fraude que os arruina, ameaçando ir á praça publica liquidar essas questões se a sua justiça for desprezada.

No norte inicia-se a revolução que se não é simultaneamente iniciada no sul, é porque o contracto feito com o syndicato d'esta região, morreu logo á nascença esmagado pelo desprezo publico.

O governo para se manter necessita de conceder favores ruinosos, e foi por isso que, vendo-se na necessidade de engulir o contracto de 5 de dezembro, vomitou um outro mais prejudicial do que o primeiro, e logo em seguida ainda outro, feito á imagem e semelhança de segundo.

Ao menos o contracto de 5 de dezembro, não obstante não o acceitarmos, garantia a procedencia dos vinhos, impedia a sua falsificação nas adegas, em quanto que este outro contracto não só não garante nada como sobrecarrega o thesouro com um despendio prejudicial ao principio da liberdade do commercio.

Que um certo numero de individuos se constituam em sociedade, segundo a lei commum, para explorarem tal ou tal ramo de commercio, comprehende-se e é justo; mas que essa sociedade venha pedir os favores do Estado, a contribuição do povo, os sacrificios do thesouro em proveito proprio, fornecendo-se de um capital a que não teem direito, é illegal e injusto. Porque, é de vêr se, os favores do Estado redundarão em prejuizo dos que os não possuem, que nunca poderão competir com os protegidos, e a concorrência hade fatalmente diminuir e acabar, ficando o vinicultor á mercê dos caprichos do monopolio. São estas as consequencias factaes a que nos conduzirão as medidas governativas, se os verdadeiros interessados na defeza da sua propriedade e do seu direito se deixarem adormecer á sombra da indiferença. Mas não deixarão, estamos certos, porque o movimento acentua-se e a causa é sympathica:

A ruindade do contracto é tão manifesta que

o syndicato do sul vio-se obrigado a fazer fiasco, porque o povo, compenetrado do seu dever, conscio das suas necessidades, reconheceu que o negocio só seria aproveitavel aos negociadores a quem a incoherencia do governo concedeu os favores do thesouro.

Pois sendo assim, tão evidente o descontentamento popular, porque principio se pretende manter e garantir o contracto com o syndicato do Norte? Não vê, porventura, o governo a gravidade da situação creada?

E' mais nobre retrocer no erro, do que persistir caprichosamente na tola vaidade que assoberba o governo, que não é senão um governo de amigos quando o devia ser do paiz.

Pelo systema de favoritismo em que caminhámos, não nos surprehenderá vermos ainda a temeraria ousadia do governo descer á villania de nos pôr em almoeda na praça publica, como escravos dos seus stultos caprichos, como victimas dos seus perversos intentos.

E' necessario, pois, é indispensavel, lançarmos mão dos recursos que se nos offerecerem e correr-mos a cafila que nos espolia.

A indiferença é um crime, a reacção um dever.

A NEGOCIATA MOSER

Parece ser d'esta vez que ella vae avante.

Vae proceder-se ás expropriações necessarias para a abertura da nova rua atravez do jardim botanico da Escola Polytechnica, portanto vae a camara a final, expropriar o predio da travessa das Vaccas, pelo qual offereceu em tempo ao seu proprietario **40:000\$000** e que depois foi comprado pelo banqueiro Henrique Moser por **92:300\$000**, quando o seu valor real não excede a **40:000\$000**.

A compra que o sr. Moser fez da casa, por aquella enorme quantia, é phantastica, pois que s. ex.^a não deu mais de 40:000\$000, e como é particular amigo do presidente da camara municipal de Lisboa, de accordo com este mandou pôr na escriptura de compra aquella enorme importancia, a fim da camara lhe expropriar a propriedade para utilidade publica, pela bagatella de **cento e tantos contos**, ganhando este syndicateiro na negociata a insignificante quantia de **cinqüenta contos de réis**.

Mas nós vamos ficar de atalaia a este negocião e diremos ao publico tudo o que nos constar sobre os escandalos que vão dar se.

Sessão de terça-feira

Não vae o *Espectro* descrever a sessão de terça feira, em que Pinheiro Chagas, aproveitando habilmente os pontos fracos da nojenta tramoia dos 441 contos, stygmatisou valentemente o criminoso proceder do governo.

Essa missão pertence ás folhas diarias.

O nosso fim é castigar severamente as medidas repressivas e de precaução ridicula de que o sr. José Luciano se serviu para trahir (sempre a

traição) o publico a quem fosse concedida a entrada na camara sem licença do governo.

Para que serviram cento e oitenta policias mascarados, distribuidos por todas as galerias da camara dos deputados? Para que seriam ainda duas fileiras das *mesmas aves* postadas á entrada, junto ao recinto da guarda?

Esse apparatus bellico foi ridiculo e censuravel, porque é necessario que o governo fique sabendo, de uma vez para sempre, que o povo sabe, melhor que elle, respeitar o recinto sagrado do parlamento.

Todos esses comparsas que o sr. José Luciano chama a figurarem na comedia, que são instrumentos inconscientes do dever, evidenciam ainda mais a desharmonia que se nota na fanfarra progressista. Falta de ensaio, naturalmente, mas quem se não ensaiou em tres annos e meio...

O odio latente que lavra profundamente nas diversas camadas sociaes torna-se, pouco a pouco, bem mais perigoso e fatal do que a explosão coherica e irreflectida que pervertura se manifestasse inoportunamente, em virtude de qualquer das muitas arbitrariedades em que o governo timbra em ser fertil. E quanto mais motivo de descontentamento a incapacidade fôr manifestando, tanto mais difficil será a subjugação do povo, quando este correr a libertar a sociedade dos males que a affligem.

Em vista dos agravos que a nação constantemente está recebendo de um governo que não governa, porque é um inepto, um perverso, o *Espectro* protesta solemnemente em nome do povo, em nome do brio, contra todas as escandalosas prepotencias que cerceiam a liberdade individual, subjugando o paiz que tem sido n'este consulado um escravo da tyrannia!

E' um facto. A tyrannia arvorada em systema, a prepotencia em norma de proceder, têm sido, e são, os expedientes da gerencia progressista. Até nos actos mais insignificantes da sua negregada existencia procura burlar o povo, para occultar a indecencia da vergonha que o espera!

Tendo em attenção esta norma pouco leal, pouco nobre e nada digna, o progressismo apoderou-se na terça feira dos bilhetes das galerias destinadas ao publico, sem distincção de feição politica, para os dar aos seus corrilhos, aos seus sicarios, com receio talvez de que a hydra fosse rabiá-las portas a dentro do parlamento.

Quem está escrevendo este artigo precisou de um bilhete e teve que dar homem por si, teve que ser apanhado como progressista, para gosar do *alto-favor* da concessão d'aquillo a que tinha direito.

Ora isto é baixo e ridiculo. Se o governo reconhece a nenhuma confiança que inspira ao publico, cumpra com o seu dever—demitta-se; se tem medo das manifestações de desagrado ou receia a discussão parlamentar, torne-se francamente no que é—despotico.

Qualquer de estes caminhos seria certamente mais digno do que digna é a pratica de villanias.

Quem se reconhece absolutamente incapaz de encarar a luz encerra-se nas trevas,—e d'ellas não deveria ter sahido a praga que assolou o poder.

Pois não obstante todas as precauções de que acima fallámos, o governo não pode conseguir

evitar a imponente manifestação com que o povo victoriou Pinheiro Chagas á sahida das côrtes, depois de ter valente e energicamente vergastado o ministerio.

E' que o povo, conseio da perigosa marcha governativa, não receia a furia dos impudentes que, simulando de corajosos, retiram covardemente perante a manifestação sincera da opinião que condemna a deshonra e applaude a virtude.

Saudando o povo, protestamos contra os tyrannos!

A batota eleitoral

No quarto bairro onde impera o celebre **D. Xarope**, tem sido taes as tropelias que já tomaram d'ellas conhecimento os tribunaes.

Edificante!

Chegámos a um tempo em que é preciso funcionar junto de cada commissão de recenseamento, um tribunal, para fiscalisar e reprimir as *infamias* d'essa **canalha** que julga estar em plena costa d'África.

Passa fóra!

Temos presente uma veneranda sentença de um integerrimo magistrado, o dignissimo juiz Brandão e Albuquerque, pela qual são enxotados do recenseamento politico do 4.º bairro de Lisboa, **oitenta e um** individuos que indevidamente estavam incluídos. Só n'uma pequena casa na rua dos Pescadores estavam **dados ao manifesto nove chefes de familia!**

A corja dos galopins, levou uma lição, veremos agora se têm emenda para o futuro.

O exemplo ahi fica, sigam-no todos os que se acham lezados e esse governo **infamissimo** que é a deshonra da patria, dará á casca nas proximas eleições.

A febre amarella no Brazil continua a dizimar os nossos compatriotas.

Todos os paquetes transatlanticos que entram no Tejo, trazem de 500 a 800 passageiros em transitio.

É significativo.

A emigração nos portos portuguezes, continua; mas o governo todo preocupado em comer os **duzentos contos y pico, da outra metade**, não pensa em prohibir temporariamente a nefasta emigração, apesar dos clamores que se levantam de toda a parte.

E que elle não quer perder **n'esta conjunctura** a amisade dos negociadores da escravatura branca.

UM CUMULO

A camara de Evora, vae levantar um emprestimo para gastar com os festejos, quando ali for brevemente a familia real.